

SOLARIS

Em meio à pandemia no ano passado, faleceu aos 93 anos o engenheiro civil Mauro Silveira, que teve grande atuação na construção civil em Franca até os anos 1990, quando se aposentou. Conheci Mauro Silveira por volta de 1971, ainda estudante de arquitetura. Fui buscar a namorada na casa de uma amiga onde se reunia um grupo de jovens da igreja católica, com nome de conjunto musical de seresta: “Os Garimpeiros”. Assim conheci Mauro e Lolita, sua esposa, eram os coordenadores do grupo. A ação pastoral do casal desembocaria na criação do Hallel, festival de música católica tombado como patrimônio cultural imaterial de Franca.

Segundo o site do Hallel, “quando a renovação carismática católica fez 10 anos na diocese de Franca, procuravam uma maneira de celebrar com os jovens, então veio a inspiração de fazer um evento, onde a música cristã fosse o motivo para chamar a juventude para outro anúncio, diferente do que havia no “Rock in Rio”. A renovação carismática é um ramo do pentecostalismo católico oriundo dos Estados Unidos e, no Brasil, é reconhecida como “catolicismo de direita”, costuma se engajar politicamente no apoio a políticos conservadores, para não dizer francamente reacionários.

Logo que iniciei minhas atividades como arquiteto, encontrava o xará regularmente na Associação dos Engenheiros e Arquitetos de Franca ou por causa das obras que sua empresa fazia para a prefeitura, a Solaris, mesmo nome do famoso filme russo de ficção do diretor soviético Andrei Tarkovski. Mauro Silveira construiu muito na cidade e na região, executou pontes e grandes estruturas, principalmente edifícios e galpões industriais. Nos anos 90, sua saúde piorou por causa de problemas na coluna, que o levaram a deixar a engenharia e a sociedade com o grande mestre de obras Antônio Chereghini.

Estive com o xará poucos meses antes dele falecer, quando o procurei para tentar encontrar algumas plantas de obras que pretendia incluir no livro que estou escrevendo sobre a história da arquitetura de Franca. Nesta última conversa, lembramos um episódio ocorrido nos anos 1980, que já contei numa crônica 30 anos atrás. Eu passava pela Praça Barão defronte o Café Globo quando o xará me chamou para um café. E me disse: “você paga o café, tive um prejuízo desgraçado por sua causa”. Eu me espantei, pois não havia motivo algum para isso. Contou que fora procurado por um empresário com a intenção de construir um enorme galpão para garagem de ônibus. Deu o orçamento e ficou aguardando, até que um belo dia viu que a obra já estava sendo executada por outro. Procurou o empresário e o cara o despachou com a seguinte frase: “você acha que eu ia te dar para construir uma obra enquanto fica escrevendo contra minha empresa de ônibus no jornal?”

Na verdade, quem tinha escrito um artigo sobre os problemas enfrentados pela classe trabalhadora com a má qualidade e altas tarifas da concessionária de ônibus urbano local tinha sido eu. O sujeito confundiu Ferreira com Silveira. RIP, Mauro Silveira.

Mauro Ferreira é arquiteto